

INDÚSTRIA EM MINAS GERAIS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO*

Ricardo Zimbrão Affonso de Paula**

INTRODUÇÃO

O estudo que agora apresentamos tem por finalidade abordar a origem e o desenvolvimento da indústria em Minas Gerais. Para realização de tal conteúdo, percorremos a trajetória da economia mineira, do século XIX até a primeira metade do século XX.

Este trabalho é um breve resumo de nossa dissertação de mestrado cujo título é *Percalços da Industrialização: o caso de Minas Gerais*. Segundo nossa pesquisa, ao analisarmos a história econômica de Minas Gerais ao longo dos oitocentos até a inserção do estado no processo de industrialização nacional, nas décadas de 1940 e 1950, percebemos que Minas não teve um crescimento econômico homogêneo, em que uma determinada região pudesse articular e liderar as outras regiões, no sentido de integração de seu mercado. Todavia, o que ocorreu em Minas Gerais foi um crescimento desarticulado e descontínuo, na qual a integração de suas microrregiões, no plano econômico, não foi estimulado.

Portanto, ao nosso ver, esse movimento de crescimento heterogêneo e disperso da economia mineira, trará conseqüências diversas (positivas e negativas) para suas microrregiões, a partir da década de 1930, quando o País iniciar seu processo de integração do mercado interno.

Dividimos este breve estudo da seguinte forma: em primeiro lugar, abordamos a trajetória da economia mineira ao longo do século XIX, destacando a economia mercantil de gêneros de primeira necessidade, que se constituiu principal atividade

* Este texto é um breve resumo de nossa dissertação de mestrado cujo título é *Percalços da Industrialização: o caso de Minas Gerais*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação do Prof. Dr. Rui Guilherme Granziera, e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

** Licenciado em História pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre e doutorando em História Econômica pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

econômica da Província na primeira metade do século XIX; e a cafeicultura, que se tornou principal cultura de exportação mineira, na segunda metade dos oitocentos.

Em seguida, inserimos o surgimento da indústria em tal contexto e analisamos o movimento desta indústria ao longo do século XIX até a inserção de Minas Gerais no processo de industrialização nacional, nas décadas de 1940 e 1950. Destacamos nesse tópico, a origem da manufatura rudimentar na região central da Província; o surto de industrialização ocorrido na Zona da Mata Mineira, entre as duas últimas décadas do século XIX e as três primeiras décadas do século XX; e, o deslocamento do centro dinâmico da Zona da Mata para Zona Metalúrgica, a partir da década de 1930, como consequência do início do movimento de integração do mercado nacional que se processava naquele período.

1 – ASPECTOS DA TRAJETÓRIA ECONÔMICA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XIX.

A economia que se desenvolveu em Minas Gerais ao longo do século XIX, após o declínio do ciclo da mineração aurífera, formou uma sociedade heterogênea, com base econômica diversificada, em que coexistiram naquela Província múltiplas formas de organização do trabalho, ligadas a uma estrutura produtiva complexa e com fortes vínculos externos, cujo elemento mancípio teve participação preponderante em tal economia¹.

Entretanto, tentar entender a economia mineira do período como um todo é bastante complexo, pois no século XIX, a formação regional de Minas Gerais se fundamentou em padrões diferenciados de colonização e desenvolvimento sócio-econômico, dando a esta uma longa história de crescimentos desarticulados e descontínuos².

Analisando a economia mineira dos oitocentos, concebemos esta da seguinte forma: Minas Gerais ao longo do século XIX desenvolveu dois tipos de atividade

¹ Existe muita polêmica a respeito da caracterização da economia mineira dos oitocentos. Não iremos aqui, dentro dos limites impostos pelo nosso breve estudo, analisá-los. Acerca da literatura que aborda o tema consultar: Lana (1988). Libby (1988). Martins (1982). Paiva (1996). Slenes (1985).

² J. Wirth caracteriza Minas Gerais como um mosaico de microrregiões que dificilmente se interligavam entre si, e que se desenvolveram em linha diferente de tempo e voltadas para mercados de outras regiões. Wirth (1982).

econômica, que constituíram-se em centros dinâmicos da Província. A primeira, tem na produção mercantil de gêneros alimentícios, seu principal espaço de acumulação de capital. Esta atividade tomou forma, a partir da crise da mineração aurífera, entre o final do século XVIII e o início do século XIX. A outra, é a cafeicultura, que se transformou na principal atividade exportadora mineira, a partir da segunda metade dos oitocentos.

O revés da mineração do ouro aluvial, a partir de 1760, transforma a geografia econômica da Capitânia com o deslocamento de populações da região mineratória para o sul. Esta, já produzia gêneros alimentícios para abastecer aquela região e, com a crise do ouro, assimilou bem o fluxo migratório, como também os seus capitais³.

A chegada e a fixação da Corte Portuguesa na Colônia, a partir de 1808, impulsionará a produção e o comércio de gêneros alimentícios, transformando o Rio de Janeiro no principal pólo receptor desta produção, e responsável pela formação de um incipiente mercado interno. Isto posto, a região Sul de Minas Gerais se transformará, durante toda a primeira metade do século XIX, no centro dinâmico da economia mineira, com a produção mercantil de gêneros alimentícios, tendo na grande propriedade e no trabalho compulsório, sua base produtiva.

A partir de 1830, a cultura cafeeira inicia sua expansão, tendo no Vale do Paraíba Fluminense a maior região produtora do mundo, entre 1850 e 1890⁴. Coube ao café a inserção do Brasil no mercado internacional.

Em Minas Gerais, a penetração da cultura cafeeira se dá via Zona da Mata. Esta, constituiu-se principal região produtora da Província/Estado, durante toda segunda metade do século XIX até 1930⁵, transformando-se assim, no centro dinâmico da economia mineira daquele período.

Em que pese o processo de estruturação da atividade cafeeira da Zona da Mata ocorrer, grosso modo, no mesmo período que a estruturação fluminense, seguiram caminhos diferentes.

Como dissemos anteriormente, o Vale do Paraíba Fluminense transformou-se na maior região produtora de café no mundo. Sua produção chegou a mais da metade do total da produção exportável brasileira, entre as décadas de 1850 e 1870, iniciando sua

³ A respeito da transposição populacional da região mineradora em crise para o sul e o impacto desta na produção agropastoril sulina, consultar: Lenharo (1979). Também, Maxwell (1977).

⁴ Sobre a expansão da cultura cafeeira no Brasil, consultar: Stein (1961).

⁵ A respeito da literatura que aborda a cafeicultura em Minas Gerais, consultar: Giroletti (1988). Lima (1981). Mattos (1987). Pires (1993).

queda progressiva a partir do decênio 1881/1890, entrando em plena decadência, a partir de então, quando é ultrapassada pela produção paulista⁶. Ao contrário, em Minas Gerais, isto é, a produção cafeeira matense, o volume das exportações oscilou na casa dos 20% do total nacional, entre as décadas de 1870/1930⁷.

Todavia, a partir dos anos de 1890, enquanto a cafeicultura fluminense entra numa crise sem volta, chegando mesmo a ser substituída em vários pontos daquela região pela pecuária extensiva, como afirma Stein (Stein, 1961: 344)⁸, a cafeicultura mineira/matense, mesmo não tendo a desenvoltura da cafeicultura paulista, estimulou com seus capitais a diversificação urbano-industrial da Zona da Mata, tendo a cidade de Juiz de Fora, como principal receptora destes estímulos.

O desenvolvimento da cafeicultura na Zona da Mata ocorre da seguinte forma: num primeiro momento, a produção cafeeira se restringe a parte “sul” da região, área limítrofe à Província do Rio de Janeiro, onde situa-se atualmente os municípios de Mar de Espanha, Além Paraíba, Juiz de Fora, entre outros. Isto se explica, grosso modo, devido a precariedade do sistema de transporte, que impedia a interiorização daquela cultura, dado ao impacto na estrutura dos custos das unidades.

A partir da década de 1860, o desenvolvimento do sistema viário, irá trazer consigo um grande impulso ao processo de expansão cafeeira matense. A inauguração da Rodovia União & Indústria⁹, em 1861, é emblemática, pois melhorou significativamente as condições de transporte entre a Mata e o Porto do Rio de Janeiro, permitindo um maior fluxo comercial à produção, além da economia de tempo e recursos. Nos anos de 1870, com a expansão da malha ferroviária, a produção cafeeira se adentra mais para as partes “norte” e “nordeste” da região, consolidando definitivamente o processo de incorporação produtiva matense.

Segundo Pires, existiu uma espécie de “causação circular”, entre a expansão da malha viária e a expansão da cafeicultura, onde a primeira provocava e estimulava o

⁶ Sobre a cafeicultura fluminense, consultar: Vieira (2000). Acerca do desenvolvimento da cafeicultura paulista, consultar: Cano (1998).

⁷ A respeito dos dados sobre a produção cafeeira mineira/matense, ver Tabelas 01/02/03 de, Affonso de Paula (2001).

⁸ Ver também Vieira (2001).

⁹ A Rodovia União & Indústria foi projetada e construída pela Cia. União & Indústria, fundada em Juiz de Fora, de propriedade do cafeicultor Mariano Procópio. Tinha o objetivo de construir uma estrada moderna que facilitasse o escoamento da produção cafeeira daquela região para o Porto do Rio de Janeiro. Sobre este tema consultar: Bastos (1961), Esteves (1915) e Oliveira (1966). Acerca do impacto do sistema viário na cafeicultura matense consultar: Giroletti (1988) e Pires (1993).

crescimento da segunda – pela diminuição dos custos e maior eficiência dos transportes, com a conseqüente ampliação das margens de lucro – e esta gerava os recursos que permitiam o crescimento da primeira (Pires, 1993: 100).

O desenvolvimento e a consolidação do sistema viário, permitiu que a cidade de Juiz de Fora se transformasse no principal centro armazenador de café da Zona da Mata, a partir da década de 1860, com a inauguração da Rodovia União & Indústria. Isto posto, todo café produzido naquela região era levado para aquela cidade e, dali, encaminhado para o Porto do Rio de Janeiro. Com isso, Juiz de Fora se constituiu num centro comercial de vulto, refletindo seu crescimento econômico imediatamente no processo de urbanização da cidade, no aumento da população, inclusive tornando-se receptora de imigrantes, na arrecadação municipal e, na ampliação do setor de mercado interno (Giroletti, 1988: 47).

O capital acumulado e concentrado naquela cidade estimulará, direta e indiretamente, o surto de industrialização local, entre as décadas de 1890 e 1930. O surto industrial de Juiz de Fora será tratado no próximo tópico.

Em suma, o nosso objetivo neste tópico, foi mostrar que a economia mineira do século XIX, em que pese ter formado uma sociedade heterogênea, com uma economia agrícola diversificada, e regionalmente dispersa, tem seu desenvolvimento de acordo com as situações conjunturais em que se coloca o Brasil, ao longo do período. Ou seja, Minas Gerais desenvolve, no decorrer dos oitocentos, dois tipos de atividade econômica que, longe de serem complementares, reflete num primeiro momento, a crise do sistema colonial, a independência e a formação de um mercado interno, como é o caso do desenvolvimento da produção mercantil de gêneros alimentícios, na primeira metade do século XIX, tendo a região sul mineira, o centro dinâmico da economia provincial de então. E no segundo momento, a partir de 1850, com a expansão da cultura cafeeira, responsável pela inserção do Brasil no comércio internacional e também na divisão internacional do trabalho, Minas Gerais tem na Zona da Mata mineira, sua principal região produtora, e também o centro dinâmico da economia mineira durante toda a segunda metade do século XIX até 1930.

2 - AMBIENTE E CONDIÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA EM MINAS GERAIS.

Neste tópico, temos como objetivo analisar o surgimento da indústria mineira, no século XIX, inserindo-a num ambiente disperso e desarticulado, proporcionado pela constituição do mosaico mineiro. Também, temos como proposta, tentar periodizar as fases de desenvolvimento da indústria em Minas Gerais, destacando a origem da manufatura rudimentar; o surto industrial ocorrido na cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata, entre as duas últimas décadas do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, fruto dos surtos industriais ocorridos em regiões onde predominaram a atividade cafeeira; e, a inserção de Minas Gerais no processo de industrialização nacional, nas décadas de 1940 e 1950.

2.1 – GÊNESE DA INDÚSTRIA MINEIRA NO SÉCULO XIX

A origem da indústria em Minas Gerais remonta ao século XIX. Num primeiro momento, a atividade industrial concentrava-se na região central da Província, onde situavam-se as minas auríferas. Nesta região, destacaram-se três setores: a mineração aurífera subterrânea, a siderurgia e a indústria têxtil. Esta incipiente indústria operava de maneira rudimentar e com baixo nível tecnológico, com exceção da mineração aurífera subterrânea, que naquele período obteve cabedal de investimentos, principalmente inglês, mudando o perfil da mineração na Província, dotando-a de processos produtivos que normalmente se igualava àqueles empregados na Europa¹⁰. Faremos um breve exame desses ramos industriais que operavam em solo mineiro.

A siderurgia tem sua origem na produção doméstica do século XVIII. Desenvolveu-se de maneira híbrida no século XIX, misturando contribuições africanas com certas inovações européias, o que resultou numa estrutura produtiva descrita basicamente como manufatura rudimentar.

Os principais motivos que levaram ao desenvolvimento deste ramo industrial foram o marcante isolamento da Província, principalmente da região central de Minas

¹⁰ A respeito dos três ramos industriais descritos acima, consultar Libby (1988).

naquele período, e os altíssimos preços das mercadorias obradas em ferro importadas. Junta-se a estes fatores, a expansão da mineração subterrânea, que a partir da segunda e terceira décadas dos oitocentos, impulsionou a produção comercial do ferro.

O desenvolvimento da siderurgia comercial mineira dependeu largamente da mão-de-obra mancípia. Em que pese as fundições serem organizadas com base na separação entre capital e trabalho, o escravo constituiu a principal força de trabalho nesse tipo de atividade industrial. A importância do mancípio para a siderurgia mineira do século XIX, leva-nos a perceber que existiam entre os cativos bons conhecimentos na arte de fundir ferro, constituindo-se assim em mão-de-obra “especializada”. O papel do escravo será ao mesmo tempo, catalisador e bloqueador no avanço da siderurgia mineira da época¹¹.

Na década de 1880 a indústria siderúrgica mineira sofreu dois duros golpes. O primeiro com o início da penetração das ferrovias na região central da Província; e o segundo, com a abolição da escravidão, que a privou de sua única vantagem diante da concorrência estrangeira, isto é, a mão-de-obra regular cativa. Após a queda do Império, as pequenas fundições desapareceram-se e o rápido e quase total fracasso da tentativa de instalação de usinas durante a década de 1890 condenou Minas Gerais a esperar mais três décadas para ver renascer a realização de sua vocação siderúrgica.

Em síntese, podemos dizer que ocorreu uma falta de continuidade entre o florescimento das pequenas fundições e a metalurgia do século XX, sendo esta última uma fundamental contradição inerente ao ensaio siderúrgico do regime escravista. Ora, o isolamento de Minas Gerais, aliado ao surgimento de uma demanda específica, permitiu e estimulou a transformação de uma atividade doméstica em uma indústria siderúrgica comercial, cujos processos produtivos eram essencialmente manufatureiros e que tiveram no escravo sua maior e mais consistente fonte de mão-de-obra. Embora esta indústria se mostrasse capaz de conquistar novos setores de consumidores, como a lavoura e as tropas, o mesmo isolamento implicou um mercado global limitado, pouco propício a uma acumulação de capital que levasse a siderurgia mineira a equiparar-se tecnologicamente à européia. Ao mesmo tempo, o largo uso do trabalho escravo e, em particular, do escravo especializado, “liberou” o homem livre do esforço de aprender a

¹¹ Segundo Libby, as primeiras fundições de ferro em Minas Gerais, deveu-se aos conhecimentos metalúrgicos do escravo africano. Dos três ramos da atividade industrial mineira dos oitocentos, a siderurgia é que se mostrou claramente ser a mais dependente do trabalho mancípio. Libby (1988: 136, 161).

arte de fundir ferro, em especial os proprietários das forjas, que pelo menos algum capital poderiam ter investido em melhoramentos tecnológicos, caso estivessem inteirados no funcionamento das fundições (Libby, 1988: 177).

A indústria têxtil que se desenvolveu em Minas Gerais ao longo do século XIX dividia-se em duas ramificações distintas, em termos de processos produtivos: a produção doméstica e a produção fabril.

Na primeira metade do século XIX reuniram-se as condições que conduziram ao enorme crescimento da produção doméstica têxtil, principalmente em Minas Gerais. A produção caseira de tecidos na Província, constituiu atividade antiga e florescente, embora a maior parte desta produção fosse consumida internamente, era também exportada para outras províncias (Oliveira, 1993: 114).

O final da década de 1860 e início da década de 1870 foi um período favorável à indústria. A expansão monetária dos anos da Guerra do Paraguai, associado a um aumento das tarifas de importação, teria estimulado a produção industrial. A manutenção das tarifas de importação e uma valorização cambial resultante das medidas de política monetária restritivas implementadas no pós-guerra teriam, por sua vez, favorecido a expansão dos investimentos nos primeiros anos da década de 1870. Isto posto, ocorreu um surto de investimento no setor têxtil durante os anos de 1870/75. Os primeiros investimentos na indústria têxtil mineira coincidiram com este surto de investimentos no início da década de 1870. Na década de 1880, houve grande expansão de investimento no setor que se concentrou nos anos de 1880/83 e, em 1886 (Oliveira, 1993: 116-118).

É importante destacar que grande parte das indústrias têxteis mineiras do século XIX situava-se na região central da Província, como também as siderúrgicas. Todavia, há uma considerável diferença entre estes dois ramos no que tange o emprego da mão-de-obra. Enquanto a siderurgia tinha no elemento mancipio sua principal força de trabalho, a indústria têxtil constituiu-se no único ramo industrial, do século XIX, a se caracterizar pelo emprego do trabalho livre. A explicação está, grosso modo, na tradição dos colonizadores em confeccionar seus próprios tecidos, que levaram ao desenvolvimento deste tipo de indústria. Também, não podemos deixar de comentar, em linhas gerais, que, no período em que se dá o surto industrial têxtil em Minas, um dos

fatores de estímulo a essa atividade se encontrava na relativa disponibilidade de mão-de-obra livre.

As fábricas têxteis instaladas em Minas Gerais neste período, caracterizavam-se por empreendimentos de pequeno porte. Isto se deve a dois fatores: o transporte de equipamentos pesados, volumosos e ao mesmo tempo delicados, para o interior da Província, era extremamente penoso e caro; e a natureza do mercado consumidor. Embora algumas fábricas colocassem parte de sua produção na praça do Rio de Janeiro, na maioria das vezes o mercado poderia ser caracterizado como essencialmente local.

O capital empregado no desenvolvimento das fábricas têxteis mineiras, foi constituído e financiado por pequenos grupos de parente e/ou amigos. A maioria das fábricas estabelecidas em 1870, foram construídas no local onde viviam os investidores. Este padrão de investimento parece ter dominado até os primeiros anos da década de 1880, quando se dá a transição para as sociedades anônimas, tornando-se esta a forma predominante de associação de capitais para investimentos no setor (Oliveira, 1993: 126).

Entretanto, a adoção generalizada da sociedade anônima como forma típica de associação de capital na indústria têxtil mineira não introduziu maiores alterações no padrão de investimento. O capital das novas companhias concentrava-se ainda nas mãos de um pequeno grupo de acionistas de uma mesma família da região. Esta situação irá mudar a partir da década de 1890, no período pós-encilhamento, quando o empreendimento de novas fábricas será feito não mais por grupos familiares ou investidores engajados em atividades locais como fazendeiro, comerciante etc., e sim, por pessoas com experiência no setor, quer como investidores, quer como empresários (Oliveira, 1993: 130).

Em suma, podemos dizer que a indústria têxtil mineira dos oitocentos se desenvolveu a partir da produção caseira de panos, voltada para um mercado limitado e isolado geograficamente e, que malgrado este isolamento geográfico permitir a proteção da produção têxtil local, impediu a expansão da mesma, assinalado principalmente pelo pequeno porte das fábricas mineiras.

Desde fins do século XVIII, a extração do ouro aluvial já apresentava sinais de esgotamento. Foi necessário para a extração do minério o emprego de novas técnicas. Ao longo do século XIX, o método adotado para tal empreendimento foi o sistema de

mineração subterrânea. Contudo, este revelar-se-á um investimento muito caro, necessitando de um contingente significativo de capitais. É a partir da terceira década dos oitocentos que os investimentos estrangeiros, principalmente ingleses, se fez presente nesse ramo da economia mineira.

As Cias estrangeiras mudaram profundamente o perfil da mineração subterrânea em Minas Gerais, dotando-a de processos produtivos que normalmente se igualavam àqueles empregados na Europa, através da aplicação de tecnologias “de ponta” e sua organização administrativa. Entre os anos de 1824 e 1833/34, pelo menos seis sociedades concessionárias inglesas efetivamente iniciaram suas operações em território mineiro (Libby, 1988: 301-344).

Não obstante, os empreendimentos de mineração subterrânea no século XIX exigiam a reunião de somas mais ou menos vultuosas de capital e a concentração de grandes contingentes de mão-de-obra para alcançar um escala de operações que oferecesse a possibilidade de sucesso financeiro. Além disso, o empreendimento teria que ser dotado de uma administração capaz de supervisionar racionalmente uma complexa série de processos concatenados. Malgrado a mina aurífera não constituir propriamente uma fábrica, a organização de sua exploração poderia perfeitamente ser comparada às organizações fabris contemporâneas de maior complexidade. A aplicação de máquinas à mineração viabilizou a exploração de grandes e profundas minas, e essas máquinas acabaram impondo seu ritmo ao trabalho humano, assim introduzindo a mineração aurífera na dinâmica do sistema fabril (Libby, 1988: 265).

O balanço que podemos realizar a respeito do desempenho produtivo das Cias. Estrangeiras na mineração aurífera subterrânea em Minas Gerais, no século XIX, é de fracasso. Seguindo as orientações de Libby, identificamos três fatores para tal fato: o elevado número de Cias., representava uma considerável dispersão de capital; alto custo no emprego de tecnologias nos empreendimentos; por fim, a maioria das jazidas trabalhadas pelos empreendimentos estrangeiros compunha-se de depósitos já esgotados ou de uma pobreza de produção, que nunca teria permitido uma exploração mais rentável deste ramo (Libby, 1988: 285).

Não podemos deixar de mencionar a utilização da força de trabalho empregada na mineração aurífera, que constituía-se predominantemente de escravos alugados. Na verdade, a prática de aluguel de escravos era uma forma bastante corriqueira em Minas

Gerais no século XIX. A utilização do escravo alugado, apesar de uma solução nada barata, foi a única encontrada pelos investidores estrangeiros para superar o problema da mão-de-obra. Dentre os setores que estamos analisando, somente a indústria da mineração aurífera subterrânea era capaz e tinha recursos financeiros para tal empreendimento.

Em suma, os três setores industriais discutidos acima, se desenvolveram a partir e somente para o regime escravista. O escravo era o elemento mais importante nessas indústrias, seja como mão-de-obra como os casos da siderurgia e a mineração, seja como “consumidor” como o caso da indústria têxtil, que tinha no “pano grosso”, a principal vestimenta do mancípio. Estas indústrias definharam no final do século XIX, devido principalmente à chegada das ferrovias e à abolição da escravidão.

Ao contrário, a indústria que se desenvolveu, a partir das duas últimas décadas do século XIX, em Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira, teve como principal fator de estímulo o capital acumulado no setor agroexportador cafeeiro. Direta ou indiretamente, ele estimulou o surto de industrialização daquela cidade, o centro dinâmico da economia mineira da segunda metade do século XIX até 1930.

2.2 – O SURTO INDUSTRIAL DE JUIZ DE FORA

O surto industrial ocorrido na cidade de Juiz de Fora se enquadra no processo que originou a industrialização nas áreas onde predominou a economia cafeeira. Em linhas gerais, este processo se origina do movimento geral de acumulação de capital da economia agroexportadora, que é predominantemente mercantil em seu conjunto e que implicou um processo de diversificação urbano-industrial.

De acordo com Pires, o capital envolvido na indústria que surgiu em Juiz de Fora tem suas origens direta ou indiretamente no seu núcleo fundamental, isto é, a própria acumulação de capital cafeeiro realizada no espaço regional. Esse processo resultou na constituição de forças produtivas capitalista, que se desenvolveram efetivamente a partir do final da década de 1880 e início da década de 1890, quando se verifica o predomínio de médias e grandes empresas, com produção em série, tecnologia relativamente avançada, grande produtividade e concentração de mão-de-obra. Neste

momento estabeleceram-se unidades propriamente fabris que vão ter no trabalho assalariado a forma predominante de extração do produto excedente (Pires, 1993: 131).

O principal fator que levou Juiz de Fora a se industrializar, em primeiro lugar, foi a transformação da cidade em principal centro armazenador da produção cafeeira da região, a partir da década de 1860, graças a expansão da malha viária (rodovias e ferrovias), que modernizou o sistema de transporte de café para o Porto do Rio de Janeiro. Juiz de Fora a partir desse período se constituiu no centro dinâmico da economia mineira.

O segundo fator foi a atuação do capital cafeeiro que, a partir da década de 1870, investiu em vários setores empresariais de Juiz de Fora: na criação e modernização dos meios de transporte rodo-ferroviários, com destaque para a Cia. Mineira, Cia. Ramal do Rio Novo e a Cia. E. F. Juiz de Fora-Piau; na criação de bancos como o Banco Territorial e Mercantil, fundado em 1887 e o Banco de Crédito Real, fundado em 1889; na criação e melhoria dos transportes urbanos, como por exemplo a Cia. Ferrocarril de Porto das Flores e Pará e a Cia. Ferrocarril de Bondes de Juiz de Fora; na construção civil/industrial; na indústria propriamente dita, com destaque para os setores têxtil, mecânica, química e alimentos; no setor de energia elétrica, com a criação da Cia. Mineira de Eletricidade, além dos setores de serviços diversos como escolas secundárias, hospitais etc.

Não obstante, a economia cafeeira foi imprescindível para o processo geral de diversificação urbano-industrial de Juiz de Fora, pois foi importante para o surgimento e expansão do setor urbano do complexo cafeeiro regional ao se constituir como um dos espaços fundamentais – mas não exclusivo – em que se efetivava o processo de realização dos produtos e serviços identificados com o universo urbano da economia.

Desta forma, na relação intersetorial, no âmbito da economia regional, estabelece uma natureza de complementaridade recíproca que torna a presença do setor urbano-industrial impensável fora do contexto econômico que estava inserido e no qual houve um predomínio visível da atividade agroexportadora – seja na determinação da renda e do capital, seja na definição da “natureza” da referida economia. (Pires, 1993: 148-149).

O terceiro fator de nossa análise está na importância do papel do imigrante na constituição da indústria juiz-forana. A imigração para aquela cidade pode ser dividida

em dois momentos: no primeiro, quando se deu a construção da Rodovia União & Indústria, em meados da década de 1850, veio o imigrante alemão. No segundo, entre o final do século XIX e início do século XX, vieram os italianos. A contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento industrial e comercial da cidade de Juiz de Fora foi, principalmente, no fornecimento de mão-de-obra qualificada, dando origem às primeiras manufaturas, na criação de casas comerciais e oficinas, bem como na criação de um mercado de mão-de-obra¹².

Por fim, abordaremos o fator mercado para a indústria de Juiz de Fora. O principal mercado desta era a própria Zona da Mata. Entretanto, este não era o único. Os mercados de outras regiões de Minas Gerais e outros estados como Rio de Janeiro e, em menor vulto, São Paulo, assumiram um papel relevante, mas limitado, como consumidores dos produtos daquela indústria. Um dos principais motivos desse caráter limitado de abrangência da indústria juiz-forana é o fato de que os mercados naquele período, eram regionalizados e não havia um mercado nacional integrado. A incipiente indústria brasileira neste momento, era descentralizada, regionalizada, em que as fábricas das regiões mais dinâmicas estavam protegidas da concorrência de produtos de outras regiões, devido, principalmente, a precariedade dos meios de transportes no País¹³. O processo de integração do mercado nacional, só terá seu início, a partir da década de 1930.

A importância do mercado regional da Zona da Mata para o surto industrial de Juiz de Fora foi bastante significativa. No entanto, se por um lado este mercado constituiu um importante pressuposto para a própria efetivação do processo, por outro, se colocou como um dos seus principais condicionantes, impondo em grande parte os limites da diversificação e envergadura da estrutura industrial que resultou dele (Pires, 1993: 132).

Em suma, o surto industrial da cidade de Juiz de Fora foi um processo singularmente intenso dentro do contexto mineiro, que se relaciona, pelo menos indiretamente, com o fato da região à qual o município servia como referência ser aquela que possuía a economia mais dinâmica de todo o estado, até as três primeiras décadas do século XX. Contudo, se compararmos o parque industrial de Juiz de Fora

¹² Sobre o estudo da imigração em Juiz de Fora, consultar Oliveira (1991).

¹³ A respeito da situação da indústria brasileira entre o final do século XIX e início do século XX, consultar: Gorender (1990) e Aureliano (1999).

com outros centros industriais do País do período, especialmente, Rio de Janeiro e São Paulo, principais centros industriais da época, verificaremos que a indústria juiz-forana era significativamente menor, levando-nos a concluir que o surto industrial local foi limitado tanto pela média de capital quanto pelo número de operários, bem como o valor da produção por estabelecimento¹⁴.

Dentro deste quadro de análise comparativa entre os parques industriais de Juiz de Fora, Rio de Janeiro e São Paulo, podemos afirmar que o primeiro se constituiu num surto industrial periférico, secundário frente aos outros dois grandes centros. Por estar inserido neste processo, o parque industrial juiz-forano não aguentará, a partir de 1930, o movimento de integração do mercado nacional, e sofrerá um processo irreversível de estagnação e decadência¹⁵.

2.3 – A INSERÇÃO DE MINAS GERAIS NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NACIONAL NAS DÉCADAS DE 1930 A 1950.

A década de 1930 é um marco nas profundas transformações por que passa a sociedade brasileira. No âmbito econômico, ocorre uma transição no movimento de industrialização, que antes, induzida pelo setor exportador, passa a partir deste período, a se voltar para a dinâmica do mercado nacional.

O movimento de integração do mercado nacional que se inicia neste momento, tem na economia e na indústria de São Paulo, a sua principal alavanca. É a indústria paulista, o centro dinâmico da economia brasileira, a partir de então.

Em Minas Gerais, a inserção no movimento de integração do mercado nacional, contribuiu para o deslocamento do centro dinâmico da Zona da Mata para a Zona Metalúrgica. A crise do padrão de acumulação vinculado a dinâmica do setor agroexportador cafeeiro, levou a Zona da Mata a um processo de estagnação econômica. A indústria que se desenvolveu no âmbito regional, não conseguiu, a partir da década de 1930, com o início do movimento de integração do mercado nacional, se expandir e competir em pé de igualdade com a indústria de outros centros. Assim, o parque industrial de Juiz de Fora sofreu os efeitos de bloqueio, proporcionado por aquele movimento, que tem na indústria paulista, o seu principal pólo.

¹⁴ Consultar as Tabelas 22 e 23 de Affonso de Paula (2001).

Contudo, se a indústria matense sofre com os efeitos de bloqueio, em relação ao pólo, Minas Gerais vê, entre os anos de 1930 a 1947, a ampliação do complexo industrial localizado na Zona Metalúrgica, no centro do estado, onde situa-se a capital Belo Horizonte. O principal fator esteve na expansão do setor mineiro-metalúrgico, que, com a recuperação dos efeitos da Crise de 1929, expandiu a indústria do aço e do cimento no Brasil.

A expansão do setor mineiro-metalúrgico de Minas Gerais, também recebeu como efeitos de estímulo, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. É em função da guerra que alguns importantes projetos na área de mineração e metalurgia foram definidos para Minas no início da década de 1940. O problema da exportação de minério de ferro passou a ser prioritário para as potências bélicas aliadas, isto é, para os Estados Unidos e a Inglaterra, daí decorrendo os chamados *Acordos de Washington* e a conseqüente criação da Cia. Vale do Rio Doce, em 1942¹⁶ (Diniz, 1981: 55).

Na década de 1950, quando ocorre no País uma transição industrial, passando da fase de industrialização restringida para a fase de industrialização pesada e, conseqüentemente, a transformação no padrão de acumulação no processo de integração do mercado nacional, o papel de Minas Gerais é de se especializar no setor mineiro-metalúrgico-siderúrgico. É neste momento que aumenta a participação do Estado e do capital estrangeiro no desenvolvimento deste setor. É também nesse período, que a capital, Belo Horizonte e a microrregião na qual está inserida, ou seja, a Zona Metalúrgica, consolida sua inserção no processo de industrialização nacional, transformando-se também, no centro dinâmico da economia mineira, devido a um maior grau de desenvolvimento na exploração dos recursos naturais da região e da siderurgia.

Em suma, a Zona Metalúrgica recebeu os efeitos de estímulos, servindo ao pólo nacional e/ou ao mercado externo. As indústrias de São Paulo e do Rio de Janeiro de bens intermediários e de capital requisitavam a matéria-prima daquela região, contribuindo para o seu desenvolvimento e exploração de seus recursos naturais. Sem embargo, este desenvolvimento contribuiu também para a expansão de outros

¹⁵ Sobre o declínio da indústria de Juiz de Fora, consultar Paula (1976).

¹⁶ A análise de que a Segunda Guerra Mundial beneficiou a expansão da indústria de mineração e metalurgia em Minas, também é endossada por Fernando Nogueira da Costa. Para ele, a expansão da indústria extrativa mineral, com a produção de mica, do cristal e do minério de ferro, dará um salto produtivo, principalmente, com a inauguração da Cia. Vale do Rio Doce, em 1942. Também a siderurgia e a produção de minerais não-metálicos, como o carbureto, refratários e cimento, irão impulsionar o desenvolvimento industrial do estado (Costa, 1978: 131).

segmentos da indústria da região central, como o ramo de bens de consumo assalariado, cuja produção se voltou para os mercados das microrregiões menos desenvolvidas do estado.

Assim, a Zona Metalúrgica vincula a dinâmica de sua indústria de forma complementar e dependente da dinâmica industrial do pólo, iniciando um processo de concentração industrial naquela microrregião, que se consolida a partir da segunda metade da década de 1950. Cada vez mais, incentivam-se o desenvolvimento do setor minero-metalúrgico-siderúrgico, tornando-se este o principal segmento da indústria mineira, contribuindo com alto percentual do valor de produção, vendas e empregos existentes no estado.

Portanto, podemos afirmar que a evolução industrial por que passa Minas Gerais, a partir da década de 1930, com o início do movimento de integração do mercado nacional e sua inserção no processo de industrialização brasileiro, pautou-se na exploração dos recursos naturais da região central, apoiando-se nos investimentos “pesados”, oriundos do Estado e de capitais externos, refletindo numa concentração industrial na Zona Metalúrgica e, a transformação desta microrregião no centro dinâmico da economia mineira a partir de então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo neste breve estudo foi analisar a economia mineira, que desde o século XIX, desenvolveu uma economia agrícola diversificada, porém sem uma integração mercantil por parte de suas microrregiões. A indústria que se origina em Minas, emergiu de forma descentralizada e num espaço econômico desarticulado, que ao longo dos oitocentos e as primeiras décadas dos novecentos, foi induzida por fatores exógenos, cujo mercado se caracterizava essencialmente como local ou regional.

Esta característica dispersa do desenvolvimento da economia mineira trouxe conseqüências diversas – positivas e negativas – para suas microrregiões, quando se inicia no País, o movimento de integração do mercado nacional.

O surto de industrialização ocorrido na cidade de Juiz de Fora, fruto dos surtos industriais que se originaram em regiões onde predominou a atividade agroexportadora cafeeira, não produziu os efeitos dinâmicos como ocorreu em São Paulo de modo a

integrar as diversas Minas. Sem embargo, isto não aconteceu, devido o parque industrial desenvolvido naquela cidade, ser secundário, periférico frente aos centros industriais de maior vulto, como São Paulo e Rio de Janeiro. Portanto, a partir da década de 1930, a indústria juiz-forana perderá o seu mercado regional, que será disputado pelo pólo carioca e paulista, como conseqüência do processo de integração do mercado nacional.

Em suma, é o desenvolvimento do setor mínero-metalúrgico-siderúrgico, consolidado na década de 1950, que conduziu progressivamente a Zona Metalúrgica, à condição de área tendencialmente concentradora da atividade industrial do estado, dando suporte ao projeto de constituição de um pólo que pudesse articular as diversas Minas.

BIBLIOGRAFIA

AFFONSO DE PAULA, R. Z. *Percalços da Industrialização: O Caso de Minas Gerais*. (Dissertação, Mestrado), Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 2001.

AURELIANO, L. *No Limiar da Industrialização*. Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 1999. (Série Teses).

BASTOS, W. L. Mariano Procópio Ferreira Lage sua vida, sua obra, sua descendência. Juiz de Fora: Caminho Novo, 1961.

CANO, W. *Raízes da Concentração Industrial de São Paulo*. 4 ed., Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 1998.

COSTA, F. N. *Bancos em Minas Gerais – 1889/1964*. (Dissertação, Mestrado) Campinas: Unicamp., 1978.

DINIZ, C. C. *Estado e Capital Estrangeiro na Industrialização Mineira*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.

ESTEVES, A. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915.

GIROLETTI, D. *Industrialização de Juiz de Fora – 1850/1930*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.

GORENDER, J. *A Burguesia Brasileira*. 8 ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.

LANA, A. L. D. *Transformação e Trabalho*. Campinas: Unicamp, 1988.

LENHARO, A. *As Tropas da Moderação*. São Paulo: Símbolos, 1979.

- LIMA, J. H. *Café e Indústria em Minas Gerais – 1870/1920*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- LIBBY, D. C. *Transformação e Trabalho em uma Economia Escravista: Minas Gerais No Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTINS, R. B. *A Economia Escravista de Minas Gerais no Século XIX*. Texto para Discussão n. 10, Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1982.
- MATTOS, I. R. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MAXWELL, K. *A Devassa da Devassa*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.
- OLIVEIRA, M. T. R. *Indústria Têxtil Mineira no Século XIX*. In: Anais do XXI Encontro Nacional de Economia, ANPEC, vol. 01, Belo Horizonte: 1993.
- OLIVEIRA, M. R. *Imigração e Industrialização: Alemães e os Italianos em Juiz de Fora*. (Dissertação, Mestrado). Niterói: UFF, 1991.
- OLIVEIRA, P. *História de Juiz de Fora*. 2 ed., Juiz de Fora: Comércio & Indústria, 1966.
- PAIVA, C. *População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX*. (Tese, Doutorado). São Paulo: USP, 1996.
- PAULA, M. C. S. *As Vicissitudes da Industrialização Periférica: O Caso de Juiz de Fora – 1930/1970*. (Dissertação, Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 1976.
- PIRES, A. J. *Capital Agrário, Investimento e Crise na Cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*. (Dissertação, Mestrado). Niterói: UFF, 1993.
- SLENES, R. *Os Múltiplos de Porcos e Diamantes: A Economia Escravista de Minas Gerais no Século XIX*. Cadernos do IFCH, N. 17, Campinas: Unicamp, 1985.
- STEIN, S. J. *Grandeza e Decadência do Café*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- VIEIRA, W. *Apogeu e Decadência da Cafeicultura Fluminense – 1860/1930*. (Dissertação, Mestrado). Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 2000.
- VIEIRA, W. *A Decadência da Cafeicultura Fluminense e seus Efeitos na Diversificação Agrícola da Região - 1889/1930*. In: Revista Leituras de Economia Política (LEP), n. 08, Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 2001.
- WIRTH, J. *O Fiel da Balança*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.